

Reconquista da democracia e abertura de novos horizontes

Reconquest of democracy and opening of new horizons

Bárbara Breder Machado

O número que os leitores têm em mãos inicia com um provocador ensaio na sessão “O que é ser contemporâneo hoje”. Nele, Guilherme Augusto Souza Prado reflete sobre o uso de psicodélicos como via facilitadora de construção de novas formas de se relacionar com o mundo. Uma espécie de recurso de travessia ao cataclismo sorrateiramente em curso; agora já em níveis irrevogáveis dados à destruição aguda da biosfera e às consequências do Antropoceno e da relação capitalística de exploração da natureza. Frente a isso, resta a construção de estratégias de construção de refúgios como forma de resistir ao fim do mundo. Nesta via, a psicologia, em seu caráter perspectivo, bem como a ciência psicodélica, aparecem como interessantes rotas, por causa da possibilidade de abertura a novas possibilidades de experimentar-se no (e o) mundo.

Portanto, dando sequência a este volume, abrimos esse número seguindo atentos a incidência da pandemia e as consequências pós-pandêmicas no âmbito do sofrimento psíquico. No primeiro artigo, “Desamparo e vulnerabilidade ao suicídio à pandemia”, Denise Saleme Maciel Goldim e Paula Mousinho Martins versam sobre a delicada temática do amparo ao suicídio, complexificado no cenário crítico da pandemia, quando a necessidade de isolamento afetou os laços sociais e agudizou o sofrimento psíquico. Propondo uma revisão bibliográfica, analisam a complexidade, não apenas das estratégias de atenção, como também a desigualdade social, agravada pela eclosão da pandemia. Desta forma, apresentam como aposta o fortalecimento nas políticas públicas como enfrentamento à pandemia e a sensação de desamparo.

O distanciamento social também é objeto de análise do segundo artigo, “Trabalho em home office: felicidade e saúde do professor universitário”. Nele, Martha Eliana Waltermann, Maria Isabel Morgan Martins e Dóris Cristina Gedrat analisam de que forma o trabalho remoto impactou a qualidade de vida de professores em uma rede privada de ensino. Destacam desde os aspectos próprios do trabalho e o uso de novas tecnologias, até fatores da dinâmica familiar e na percepção de felicidade dos docentes.

As novas tecnologias são também objeto de análise no artigo “Observações sobre os impasses do enlace amoroso em tempos de aplicativos de relacionamento”. Desta vez, o foco de investigação centra-se no impacto do uso de aplicativos no encontro amoroso. As autoras, Livia Barbosa Correa, Cristiane Marques Seixas e Carolina Carvalho Dutra partem do argumento de que frente ao cenário neoliberal e a expectativa contemporânea de obliteração da falta constitutiva do sujeito, os aplicativos de relacionamento parecem surgir como uma promessa de

Bárbara Breder Machado

Universidade Federal Fluminense

Professora do Departamento de Psicologia UFF/ESR.
Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero - PPCEG/UFF. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saúde Mental UFF/ISNF.
Doutora em Ciência Política - PPGCP/UFF.

barbarabreder@id.uff.br

subtrair os impasses próprios do amor. E, através do arcabouço lacaniano analisam a impossibilidade desta premissa, desenvolvendo uma consistente argumentação, utilizando conceitos caros à psicanálise: o discurso capitalista e a famosa tríade: amor, desejo e gozo, reafirmando que o encontro amoroso é sempre faltoso, por excelência.

Seguindo a perspectiva psicanalítica, porém, apresentando uma crítica contundente ao pensamento freudiano, a psicanalista argentina, Lucia Fiasson, nos convoca a pensar em seu texto “Histeria femenina: La patologización del feminismo”, a necessidade de promover uma releitura dos conceitos basais da psicanálise, a partir dos estudos de gênero e das críticas feministas. Seu intuito não é destituir a psicanálise, mas atualizá-la a nosso tempo. Em um recorrido histórico, realiza um levantamento do termo “mulher histórica” e seu uso para deslegitimar desejos e escolhas e as consequências desse conceito para a caracterização social da mulher ainda na atualidade.

A desnaturalização da violência contra a mulher é tema do artigo subsequente “Mulher e violência numa perspectiva fenomenológica-existencial”. Neste texto, Rubia da Silva e Ana Carolina Esquincalha Frizzi apostam na construção de narrativas pelas próprias mulheres, como forma de compreensão e enfrentamento deste fenômeno. Desta forma, tornando-as sujeitas da própria história deslocando-as de um duplo silenciamento. O primeiro diz respeito aos relacionamentos abusivos e o segundo ao modo que os trabalhos acadêmicos tratam da violência contra a mulher, como um objeto de estudo reduzido aos moldes técnicos e jurídicos. Através de entrevistas, este artigo visa dar vazão a voz as mulheres que sofreram violência doméstica, convocando-as a falarem por si mesmas e, produzir novos sentidos e significados a este fenômeno.

Outro artigo que nos brinda com uma importante análise sobre violência e seu enfrentamento através de estratégias via políticas públicas é “Saúde da população negra: biopolítica, necropolítica e racismo estrutural”. Nele, acompanhamos o argumento de Anderson Moraes Pires e Raquel de Souza Xavier, que recorrem ao sistema único de saúde e suas diretrizes, para analisar a desigualdade na condição de saúde da população negra no Brasil. E, a partir daí, discutem sobre o processo de instituição da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2009) e sua implementação, aplicando a elaboração teórica crítica sobre os estudos de biopolítica, necropolítica e racismo estrutural.

Na sequência, o artigo: “Cidades, ocupações e direitos no tempo presente: arquivos, história e resistências” de Flávia Cristina Silveira Lemos e Dolores Galindo, realiza uma análise sobre os movimentos de ocupação urbana e sua resistência à segregação nas cidades e às práticas de remoção. Destaca as lutas contemporâneas em defesa de direitos básicos sistematicamente violados pelas estratégias neoliberais de gestão do espaço, que criminalizam e silenciam as lutas. As autoras destacam a força e a importância destes movimentos e suas estratégias de resistência.

Em “Subjetividad de trinchera: una interpretación del pensamiento de Michel Onfray” o leitor encontrará uma análise fina sobre o projeto filosófico deste pensador, classificado pelos os autores deste texto, Juan David Almeyda Sarmiento e Rogério Lima, como uma “política rebelde”. O pensamento do filósofo francês remonta outros autores que, segundo o artigo, podem ser considerados uma espécie de contra filósofos, pertinentes para pensar o mundo contemporâneo.

Outra corrente filosófica abordada neste número é o transumanismo, de autoria de Camila Marochi Telles, Felipe Ferreira, Guilherme Pinto Nunes e Felipe Figueras Dable. No Texto “Transumanismo e o processo de individuação: paralelos e contrapontos” acompanhamos a interessante reflexão sobre a potencialização do bem-estar, através do uso de

tecnologias. Um texto audacioso ao questionar, através da psicologia analítica, as possíveis relações de uma hipotética imortalidade humana exercidas sobre o Processo de Individuação.

Encerrando este número, acompanhamos a instigante articulação da teoria lacaniana com o romance de Yukio Mishima. Henrique de Oliveira Lee e Thaís Fernanda Rocha Magalhães apresentam em “São Sebastião e Yukio Mishima: imagem e erotismo em Confissões de uma Máscara” uma leitura fascinante sobre a imagem de São Sebastião, a partir da articulação da tríade RSI, a construção dos objetos de desejos sexuais e a máscara, enquanto recurso identificatório, através da análise da obra japonesa.

Na certeza da boa recepção destes textos audaciosos e instigantes, que provocam a reflexão sobre o tempo presente e pautas urgentes. Uma bela compilação de escritos, construídos em tempos desafiadores, e publicados, agora, no momento de reconquista da democracia, de abertura a novos horizontes. Desejamos a todes uma ótima leitura,

Boa recepção!

Bárbara Breder Machado